

RUBEM BRAGA

BIANCO E VILLA-LOBOS

VISITO Enrico Bianco em seu tranquilo atelier de São Conrado. Está terminando um retrato de menina, e cercado de belos quadros que faz para uma exposição na Petite Galerie, em setembro, e outra em março do ano que vem, em Roma.

Foi há cerca de 3 anos que a Itália descobriu seu nativo Bianco, um romano de ascendência calabresa que a luz e a vida do Brasil transformaram. Um amigo que esteve há pouco tempo na Itália me dera notícia do prestígio de Bianco nos meios artísticos de lá: suas duas exposições de 1967, uma na Galeria da Praça de Espanha, outra em Cosenza, foram bons êxitos de crítica e de vendas. O problema de Bianco hoje é conciliar os preços de seus quadros na Itália, três

vêzes maiores dos que está acostumado a cobrar no Brasil, com seu interesse em viver aqui, na sua pátria adotiva, onde está definitivamente radicado.

Já escrevi que dois fatores retardaram longamente a afirmação da personalidade artística de Bianco. Um foi sua fidelidade a Portinari, que chamava de *maestro*, como um discípulo e auxiliar da Renascença. Outro foi a circunstância de precisar ganhar a vida, durante muitos anos, como ilustrador de revista. A verdade é que essas duas servidões valeram-lhe um impressionante conhecimento do ofício, um domínio técnico fabuloso. Seu afastamento de "O Cruzeiro" e o desaparecimento de Portinari permitiram-lhe encontrar, em sua própria

- segue -

29-2c
30- no sai

gener. 2.2.8
3.2.8
m

20/20/10
m

vida e em sua própria alma, o caminho autêntico da arte. Sua história nos últimos anos é a de um esplêndido amadurecimento.

O pintor está contente: mostra-me uma bela publicação em cuja capa está a reprodução a cores de um quadro seu, "Bumba-meu-Boi". No interior há ainda um quadro de Bianco, e mais um de Portinari e outro de Di Cavalcanti. Não se trata, porém, de um álbum de pintura, mas de... música. Os editores são os mesmos irmãos Fabbri, que lançaram a coleção "Gênios da Pintura" no Brasil, através da "Abril Cultura Ltda.", levando ao alcance do grande público, nas bancas de jornais, boas reproduções dos melhores quadros do mundo. Foi certamente o êxito internacional dessa iniciativa que os levou a invadir o campo musical. O álbum que vejo é dedicado a Villa-Lôbos, daí a escolha de pintores brasileiros para ilustrá-lo. Tem apresentação de Gilberto Chase

e comentário sobre as peças musicais de Eduardo Rescigno, e inclui um disco long-play, de alta-fidelidade. Entre as músicas escolhidas, o poema sinfônico "Uirapuru", uma das "Bachianas Brasileiras", um choro, a "Dança do Índio Branco".

Álbuns semelhantes foram dedicados a Ravel, Granados, Manuel de Falla, Aaron Copland, Sibelius e muitos outros, em lançamentos semanais que abrangem toda a música moderna. Impressionante o preço a que esses álbuns são vendidos na Itália: o correspondente a 4 cruzeiros novos. As edições iniciais são de 200 mil exemplares, e os discos são encontrados nas bancas de jornal. Esperemos que um dia cheguem até nós essa coleção, fruto de uma combinação felicíssima do bom gosto e da sensibilidade italiana com a técnica americana de conquista de mercado popular.

DN 28.4.68